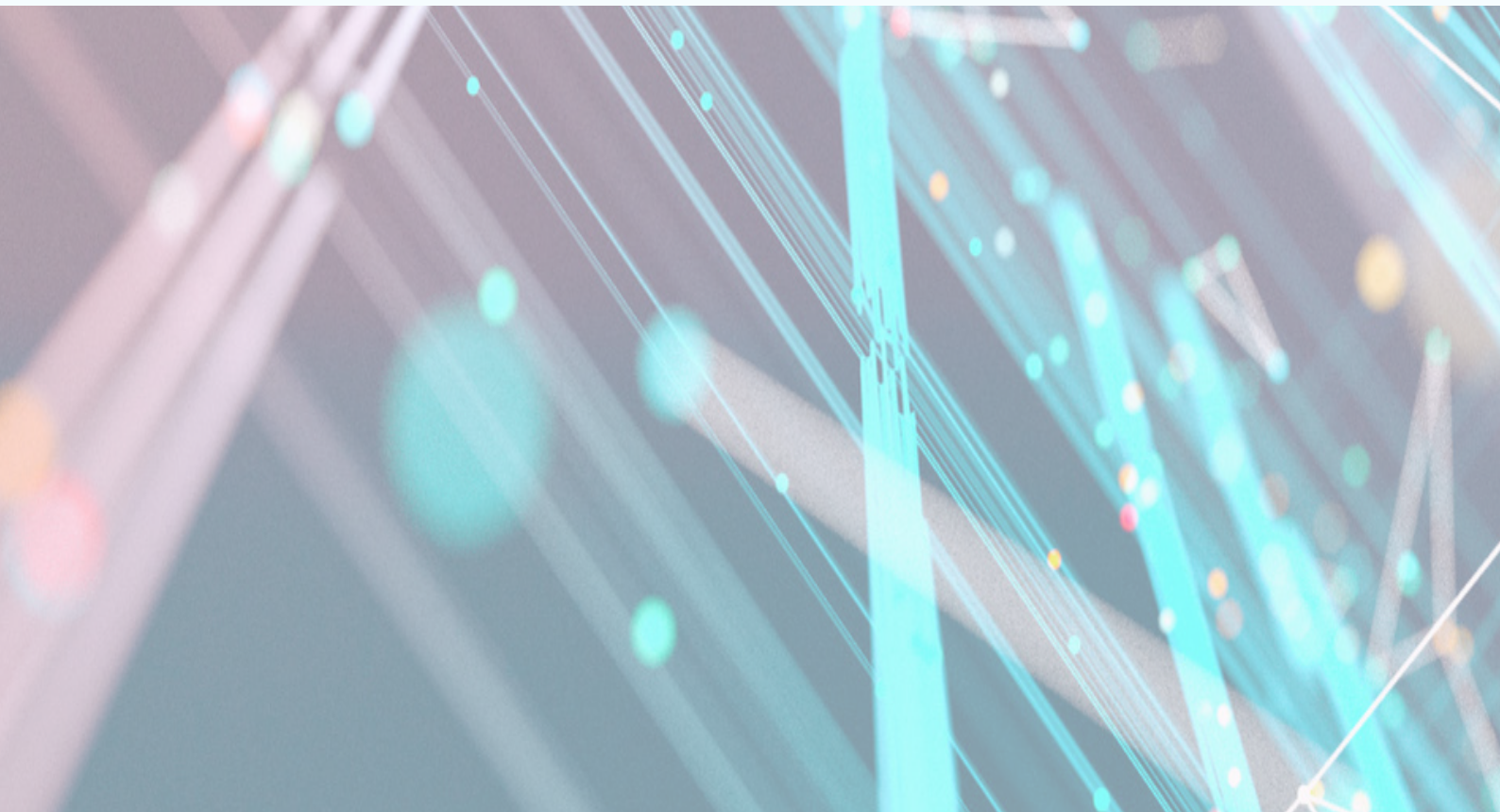




Resenha





“Torto Arado” de Itamar Vieira Junior – Uma reflexão jurídico-literária-territorial

Bernardo Gomes Barbosa Nogueira*; Fernanda Cristina de Paula*; Lucas Campos Ferreira*; Lucas Andrade de Oliveira*; Samuel Mascarenhas Barros Gusmão*

*Universidade Vale do Rio Doce - Univale, Brasil.

*Autor para correspondência e-mail: lucas.ferreira2@univale.br

Palavras-chave

Interdisciplinaridade
Torto Arado
Território
Desigualdade
Exploração

Keywords

Interdisciplinarity
Crooked Plow
Territory
Inequality
Exploration

Resumo: A obra *Torto Arado*, concebida por Itamar Vieira Júnior e publicada em 2018, divide-se em três partes distintas. A primeira é relatada sob a perspectiva da personagem Bibiana, a segunda pela sua irmã Belonísia e a terceira por Santa Rita Pescadeira, uma entidade religiosa. A narrativa emprega uma estrutura linear e fluida, com eventos que se desenrolam predominantemente de forma cronológica, mantendo o envolvimento do leitor ao longo da progressão do enredo. Situada em um cenário fictício denominado Água Negra, a obra evoca a visão clássica do sertão nordestino. As personagens habitam uma fazenda nesse ambiente, onde diversas gerações de famílias se enraizaram, perpetuando suas tradições e culturas. *Torto Arado* oferece uma análise profunda das múltiplas relações entre indivíduos e territórios, pois os personagens atribuem diferentes significados e símbolos aos mesmos. Além disso, a narrativa possibilita uma reflexão sobre diversas formas de opressão, assegurando que a história, a memória e as variadas expressões existenciais não sejam apagadas por uma única narrativa. VIEIRA JÚNIOR, ITAMAR. *Torto arado*. São Paulo: Todavia, 2019.

“Torto Arado” by Itamar Vieira Junior – A legal-literary-territorial reflection

Abstract: The work *Torto Arado*, designed by Itamar Vieira Júnior and published in 2018, is divided into three distinct parts. The first is reported from the perspective of the character Bibiana, the second by her sister Belonísia and the third by Santa Rita Pescadeira, a religious entity. The narrative employs a linear and fluid structure, with events that unfold predominantly chronologically, maintaining the reader's involvement throughout the progression of the plot. Set in a fictional setting called Água Negra, the work evokes the classic vision of the northeastern backlands. The characters live on a farm in this environment, where several generations of families have taken root, perpetuating their traditions and cultures. *Torto Arado* offers an in-depth analysis of the multiple relationships between individuals and territories, as the characters attribute different meanings and symbols to them. Furthermore, the narrative allows for reflection on different forms of oppression, ensuring that history, memory and varied existential expressions are not erased by a single narrative. VIEIRA JÚNIOR, ITAMAR. *Crooked plow*. São Paulo: However, 2019.

Recebido em: 05/2024

Aprovação final em: 06/2024



Introdução

Está presente resenha¹ acadêmica se propõe a examinar a relação do sujeito com o território e as opressões neoliberais, tal análise será a partir da obra “Torto Arado”, escrita por Itamar Vieira Junior. Nesse sentido, este trabalho acadêmico fará uma análise seguindo as próprias divisões espaço-temporais constantes no romance em questão.

Antes de adentrar na narrativa de Itamar, é mister contextualizar a obra, esta que se passa na fazenda de Água Negra, na qual compreendemos como território, este que se encontra inserido no latifúndio da Família Peixoto, esta que, por sua vez, utiliza, de maneira exploratória, da mão de obra análoga à escravidão para gerar lucro com a terra.

A partir das considerações iniciais, o livro introduz as personagens principais, Belonisia e Bibiane, além de Zeca Chapéu Grande, pai das protagonistas, e a avó Donana, estes que, por sua vez, desempenharam papéis fundamentais ao longo do enredo.

A obra, de início, mostra o evento que resultou na perda da língua de uma das protagonistas, tal acontecimento se deu quando as irmãs, ao se deslumbrarem com os artefatos de Donana, acabaram por se cortar com a faca de cabo de marfim que se encontrava guardada pela avó. Nesse sentido, cabe elencar que a tribulação supracitada se torna um dos principais fios condutores da obra. Durante esse incidente, foi necessário o deslocamento das irmãs para a cidade, de modo que era inevitável um tratamento hospitalar, tendo em vista a gravidade do acidente.

Algum tempo após o acontecimento que deixou uma de suas filhas muda, Zeca Chapéu Grande, sob influência de Suterino, convidou o irmão de sua esposa para que este passasse a residir em Água Negra. Contudo, para fixar residência na fazenda, era essencial que as pessoas estivessem dispostas a “trabalhar arduamente” e sem “medo” do labor, uma vez que era necessário doar seu esforço à propriedade dos latifundiários, sendo esta uma das condições para ali viver.

A exploração laboral era tão intensa em Água Negra, de modo que aqueles que doavam sua força de trabalho à fazenda não tinham permissão para construir suas casas em alvenaria, apenas de barro, para que não houvesse demarcação e enraizamento das famílias ali. Além disso, era preferível que trouxessem suas esposas e filhos, pois quando crescessem, poderiam substituir os mais velhos.

Podia construir casa de barro, nada de alvenaria, nada que demarcasse o tempo de presença das famílias na terra. Podia colocar roça pequena para ter abóbora, feijão, quiabo, nada que desviasse da necessidade de trabalhar para o dono da fazenda, afinal, era para isso que se permitia a morada. Podia trazer mulher e filhos, melhor assim, porque quando eles crescessem substituiriam os mais velhos. Seria gente de estima, conhecida, afilhados do fazendeiro (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 41).

Nesse sentido, há que se apontar o fato de que os trabalhadores da fazenda não recebiam pagamento em dinheiro, a “compensação” destes era o direito de residir na fazenda e ter comida na mesa: “Dinheiro não tinha, mas tinha comida no prato. Poderia ficar naquelas paragens, sossegado, sem ser importunado, bastava obedecer às ordens que lhe eram dadas” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p.41).

Isso posto, é imperativo ressaltar que a Família Peixoto, como proprietária da fazenda supramencionada, demonstrava um interesse exclusivamente voltado aos lucros gerados pela exploração agrícola do território, de modo que sequer possuíam residência habitual no local. Isso posto, a terra, nesse contexto, era percebida apenas como uma fonte de renda e exploração econômica, desprovida de qualquer vínculo emocional ou sentimental por parte dos seus proprietários.

Dessa maneira, com sua residência estabelecida na capital, os membros da Família Peixoto raramente se deslocavam à fazenda, reservando tais visitas para reafirmar sua autoridade e domínio sobre a propriedade. Tais ocasiões de vistoria eram utilizadas estrategicamente para consolidação da posição destes como proprietários legítimos, buscando assim manter o temor e a subserviência

¹A resenha está vinculada a um projeto de pesquisa da Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE), sediada em Governador Valadares/MG, que faz parte do projeto estruturante do Núcleo Interdisciplinar de Educação, Saúde e Direitos (NIESD/UNIVALE), intitulado “Territorialidades, Vulnerabilidades e Resiliências”. O projeto de pesquisa em andamento tem como título “Direito, Literatura e Reinvenções Simbólicas do Território: Diálogos em Tempos Neoliberais” e é coordenado e proposto pelo Prof. Dr. Bernardo Gomes Barbosa Nogueira, com apoio da Univale, FPF e FAPEMIG.



por parte dos trabalhadores da fazenda.

A família Peixoto queria apenas os frutos de Água Negra, não viviam a terra, vinham da capital apenas para se apresentar como donos, para que não os esquecêssemos, mas, tão logo cumpriam sua missão, regressavam. Mas havia os fazendeiros e sitiantes que cresceram em número e que exerciam com fascínio e orgulho seus papéis de dominadores, descendentes longínquos dos colonizadores; ou um subalterno que havia conquistado a sorte no garimpo e passava a exercer o poder sobre outros, que, sem alternativa, se submetiam ao seu domínio (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 54).

Com o passar do tempo, Bibiane se apaixona por seu primo Severo, este que expressava seu desejo de deixar Água Negra e ir em busca de sua própria terra, assim, construindo uma melhor condição de vida. Ato contínuo, em um diálogo entre a protagonista e seu primo, este último a convence a acompanhá-lo nesta jornada de independência. Após essa conversa, Bibiane, no processo de tomada dessa decisão, começa a enxergar com clareza as profundas injustiças que permeiam o ambiente da fazenda.

Apesar de sua determinação, Bibiane reconhece em si uma incerteza latente, uma hesitação que se origina da influência persistente da estrutura de manipulação que, desde a infância, moldou suas crenças e perspectivas. Essa hesitação a atormenta, pois representa o confronto entre a vontade de lutar por justiça e o receio das consequências e desafios que essa luta inevitavelmente trará. Contudo, mesmo após os questionamentos interiores, Bibiane persiste e mantém sua decisão de romper com as amarras hegemônicas que a aprisionam em Água Negra.

Logo, decidida a tomar uma posição acerca das desigualdades e das condições precárias enfrentadas por sua família e pelos trabalhadores da terra, Bibiane expressa sua firme intenção de retornar à Água Negra para resgatar seus pais e irmãos. A protagonista fundamenta sua determinação na dolorosa constatação de que a fazenda, em que tantos sacrificam suas vidas e saúde, permanecerá sempre sob o domínio de outros, enquanto eles, os verdadeiros trabalhadores da terra, continuarão privados de qualquer direito ou segurança.

Em um dado momento, no transcorrer da narrativa, Zeca Chapéu Grande foi indagado, por Zezé, acerca do fato que este último não possuía a posse da terra em que trabalhava, tendo em vista que nasceu e laborou ali ao longo de toda a sua existência. O indagador questionou a razão pela qual a Família Peixoto detinha a propriedade, mesmo estes não demonstrando presença física ou comprometimento com a gestão e manutenção da terra. Em resposta a tal questionamento, Zeca Chapéu Grande afirmou: “[...] trabalhe mais, e pense menos. Seu olho não deve crescer para o que não é seu” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p.185). Tal colocação, aparentemente simples, denota claramente a influência estrutural exercida pelos detentores do poder sobre aqueles que não o possuem.

Rumo ao encerramento, a obra aponta que a propriedade latifundiária foi vendida, assim, é mister enfatizar que o recém-adquirido proprietário de Água Negra encarava esta, de maneira não divergente a concepção da Família Peixoto, desse modo, vendo-a como uma fonte de lucratividade considerável.

Aquela fazenda parecia ser a menina dos olhos do novo senhor. Ele almejava se tornar um grande produtor de café, sem saber se era possível o cultivo naquela terra. Depois quis criar porcos. Por último, quis fazer de Água Negra um santuário ecológico, extasiado que estava com a abundância de água e mata preservada, que resistiam à depredação da Chapada. Em nenhum dos seus planos o povo de Água Negra tinha lugar. Eram meros trabalhadores que deveriam ser deslocados para dormitórios. Deveriam viver efetivamente longe da fazenda, porque eram intrusos em propriedade alheia (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 221).

Isso posto, a situação descrita no livro de Vieira Junior (2019) evidencia a dissonância entre as concepções simbólicas, onde o latifundiário enxerga a terra como objeto, e possui uma visão de que os lavradores são entes desprovidos de humanidade, e por sua vez, desprovidos de direitos. Assim,



os agricultores, na visão dos proprietários, não passam de acessório/instrumento para extrair o capital da terra. Tal contexto está em harmonia com a concepção de Marx em *Grundrisse* (2011), onde, *in casu*, o proletário se limitava a trabalhar, comer e dormir, ecoando o conceito de “*instrumentum vocale*” (MARX, 2011, p. 1154), termo utilizado para descrever os explorados como instrumentos que falavam.

Diante do exposto na obra “*Torto Arado*”, é notório as complexidades e injustiças sociais presentes em *Água Negra*, de modo que, através da trajetória das personagens principais, somos confrontados com a realidade cruel da exploração e a opressão sofridas pelos trabalhadores da terra, que são privados não apenas de seus direitos básicos, mas também de sua identidade e pertencimento ao território. É mister apontar que, sobre a relação entre sujeito e o território, a partir das relações neoliberais, a obra nos revela que o território detém influência, desde as relações exploratórias, até o condicionamento de formas de pensar e materialização de cultura própria.

Por fim, segundo da Silva, Nogueira e Guimarães (2023, p. 14), as obras literárias expõem narrativas silenciadas pela história oficial, de modo que são expostos temas que foram silenciados na sociedade. Isso posto, através da arte, é exposta a forma que o indivíduo se relaciona com o mundo. De maneira que, “*Torto Arado*” não apenas presenteia o leitor com uma sua narrativa literária, mas, também, convida a refletir sobre questões fundamentais relacionadas à posse da terra, exploração laboral, desigualdades sociais e resistência contra a opressão. De modo que, é evidente que a obra expõe uma realidade ainda atual na pátria verde-amarela.

Referências

MARX, K. **Grundrisse – manuscritos econômicos de 1857-1858**: esboços da crítica da economia política. Tradução: Maria Duayer e Nélio Shneider. São Paulo: Boitempo, 2011.

SILVA, A. V. A da; NOGUEIRA, B. G. B.; GUIMARÃES, D. J. M. Literatura, Direito e Poder: análise de *Torto Arado*. In: **Revista online Fadvale**, Governador Valadares, Ano XIX, n. 27, p. 13-31, 2023. Disponível em: <https://fadvale.com.br/portal/revista/?b5-file=225208b5-folder=22512>. Acesso em 02 set. 2024.

VIEIRA JÚNIOR, I. **Torto arado**. São Paulo: Todavia, 2019.